



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9019 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

**POR DENTRO DA ESCOLA PÚBLICA DE EJA : PRÁTICAS E
CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Francisco Canindé da Silva - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

**POR DENTRO DA ESCOLA PÚBLICA DE EJA : PRÁTICAS E
CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA**

RESUMO

O trabalho político-pedagógico desenvolvido por professores e gestores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos cotidianos de uma escola da rede pública de ensino, em tempo de pandemia do Covid-19, constitui temática central desta pesquisa. Compreender como os profissionais envolvidos com a modalidade educativa vêm produzindo *conhecimentossignificações*, possíveis de emancipação social, constitui-se objetivo deste trabalho, cuja fundamentação teórica ancora-se em concepções democratizantes de educação e sociedade. Metodologicamente, realizamos rodas de conversas, por meio da plataforma *Google Meet*, com professores e orientadores pedagógicos da referida escola, reconhecendo em seus relatos, táticas operacionais invencionadas para garantir aos estudantes da EJA, além da presença virtual e continuidade no processo formativo escolar, aprendizagens qualitativas que colaboram para o enfrentamento de dificuldades apresentadas pelo período pandêmico e sua formação humana mais ampla.

Palavras-chave: EJA. Cotidianos escolares. Pandemia. *Conhecimentossignificações*.

1.Introdução

O trabalho político-pedagógico desenvolvido por professores e gestores da EJA nos cotidianos de uma escola pública, em tempo de pandemia do Covid-19, constitui temática central desta pesquisa empreendida no Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA) desde o ano de 2020.

Compreender como os profissionais envolvidos com a modalidade educativa vêm produzindo *conhecimentossignificações* (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019) possíveis de emancipação social, constitui-se objetivo do trabalho, cuja fundamentação teórica ancora-se em concepções democratizantes de sociedade e educação, a partir de Santos (2002, 2008),

Freire (2002) e Oliveira (2013) para os quais a emancipação social ocorre em contextos de práticas cotidianas de lutas e resistências, específicas de grupos populares.

Para concretização dos objetivos e considerando o momento de pandemia, realizamos rodas de conversas, por meio da plataforma *Google Meet*, com professores e orientadores pedagógicos da referida escola, reconhecendo em seus relatos táticas operacionais invencionadas para garantir aos estudantes da EJA, além da presença virtual e continuidade no processo formativo escolar, aprendizagens qualitativas que colaboram para o enfrentamento de dificuldades apresentadas pelo período pandêmico e sua formação humana mais ampla. As rodas de conversas foram precedidas por leituras acerca da legislação específica da EJA, revisão bibliográfica e textos de fundamentação teórica que ajudaram na análise e interpretação dos dados.

O trabalho reconheceu iniciativas, usos diferenciados docentes, aparentes irrelevâncias (MARTINS, 2018), práticas inventivas cotidianas (CERTEAU, 2011) e inéditos-viáveis (FREIRE, 2002) forjados pela necessidade de driblar as dificuldades impostas pelo momento pandêmico.

2.O trabalho político-pedagógico em cotidianos escolares da Educação de Jovens e Adultos

O coronavírus suspendeu, desde março de 2020, as aulas presenciais das escolas públicas, acentuando o fosso da desigualdade e da injustiça social para o público da EJA que não dispõe de condições materiais para acompanhar integralmente as atividades no formato remoto. Com a suspensão e o formato remoto de ensino, o trabalho político-pedagógico cotidiano na escola de EJA sofreu inúmeras alterações, causando diferentes problemáticas, ao mesmo tempo que impulsionou a criação de atividades, articulando *conhecimentossignificações* (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019) relevantes a formação dos estudantes e ao próprio trabalho docente.

As atividades destacadas nas rodas de conversas, realizada no âmbito do GEPEJA, são compreendidas como práticas de emancipação social, entendendo-as com Santos (2008) como o conjunto de lutas processuais dos indivíduos realizadas em seus espaços-tempos de ação. Reconhecemos nessas lutas, *táticas operacionais* dos praticantes cotidianos que, segundo Certeau (2011), significa a arte do fraco frente as estratégias do conhecimento dominante.

A esse respeito, entendemos com Oliveira (2013) que as práticas curriculares cotidianas assumem um caráter emancipatório por considerar os diferentes tempos, espaços, culturas, escalas e sistemas de produção dos praticantes, superando o que a referida autora, com apoio em Santos (2002), designa de monoculturas hegemônicas de conhecimento. A finalidade de um currículo emancipatório reside no fato de reconhecer e potencializar experiências e práticas produzidas pelos sujeitos em seus cotidianos.

Para reconhecer essa finalidade na escola de EJA, adentramos no universo das práticas pedagógicas cotidianas, criando diálogos entre os diferentes saberes produzidos pelos professores e gestores. As diferentes iniciativas, propositivas de criação curricular, evidenciou nos contextos de uso pedagógico, práticas de emancipação social, constituindo-se na afirmação pedagógica de Freire (2002), em conteúdos inéditos-viáveis, possíveis de problematização e transformação.

3.Dialogando com os conversantes convidados da EJA

No período de outubro de 2020 a maio de 2021, realizamos quatro rodas de conversas

por meio do *Google Meet* com duas professoras e duas coordenadoras pedagógicas de EJA da escola-campo da pesquisa. Neste texto trabalhamos apenas com trechos de dois conversantes. Após apresentarmos os objetivos do projeto de pesquisa empreendido pelo GEPEJA, obtivemos a anuência dos convidados para conversarem sobre suas práticas pedagógicas (gestoras e docentes) na modalidade no período de pandemia do Covid-19.

As conversas eram iniciadas por um dos integrantes do grupo de pesquisa, apresentando o currículo do convidado, de maneira que pudessem se sentir à vontade para relatarem suas práticas docentes e gestoras.

Na primeira roda de conversas, recebemos uma professora do Nível I da EJA, licenciada em pedagogia e especialista em educação, com mais de 20 anos de magistério. A professora revelou-nos que essa era sua primeira experiência com EJA e, por isso mesmo, estava enfrentando muitas dificuldades com a metodologia de trabalho, especialmente no período de suspensão das atividades presenciais. Afirmou também que seus alunos, apesar de estarem no primeiro nível, apresentam sérios problemas de alfabetização, leitura e escrita, questão reforçada com o afastamento da escola e das aulas presenciais.

No início do ano letivo, estudantes tiveram uma semana de aulas presenciais, com atividades diagnósticas, e nesse novo contexto, foi adotado atendimento remoto, via *WhatsApp*, aulas transmitidas pela Rádio FM 89, nas terças e quintas feiras das 17h30min às 18h, com atividades complementares, por meio de apostilas produzidas pelos professores com orientação do apoio pedagógico, com cronograma de atendimento mais flexível, e com horários pré-estabelecidos (Profa. do Nível I)

Nesse recorte, identificamos três práticas invencionadas no contexto da suspensão das aulas: atendimento via *WhatsApp*, aulas pelo rádio e produção de apostilas. No caso do grupo do *WhatsApp*, a professora revela que são poucos os estudantes que estão no grupo, alegando não disporem dos artefatos tecnológicos (telefone celular, acesso à internet) e os que dispõem do recurso enviam áudios, não dominam a tecnologia da escrita, razão por que sempre encaminha as atividades acompanhada de um áudio.

No segundo movimento metodológico, o programa de rádio, a interação dos estudantes é maior, muitos participam por telefone ou enviam mensagens de *WhatsApp* em tempo real aos condutores e convidados do programa. As temáticas discutidas são reforçadas pelas apostilas impressas encaminhadas junto com o *kit* verde de alimentação, distribuído pela escola. Segundo a professora, as devolutivas são mínimas, mas os que conseguem devolver apresentam coerência com o solicitado.

Percebemos, a partir da conversa realizada com a professora que o currículo mínimo é dilatado pelas necessidades circunstanciais, evidenciando o que Oliveira (2013) designa de currículos *pensadospraticados*, ou seja currículos invencionados na imprevisibilidade cotidiana, exigindo a articulação de forças político-epistemológicas e o conjunto de saberes da experiência feita (FREIRE, 2002). Nesse caso, o rádio, veículo de comunicação menos ágil do que as redes sociais (*Instagram*, *WhatsApp* por exemplo), banalizado pelo seu uso massivo, ganha contornos de uma proposição curricular mais eficaz.

Na segunda conversa, dessa vez com uma coordenadora pedagógica, licenciada em Pedagogia e especialista em educação, percebemos em seu relato, iniciativas de uma gestão democratizante e emancipatória, precedida de uma preocupação com o público da EJA. Relata que, desde o ano de 2020, a escola tornou-se um Centro de Educação de Jovens e

Adultos (CEJA) e muitas questões ainda não estão bem definidas, por exemplo a questão da organização curricular. Segundo a coordenadora, o momento de pandemia inibiu o processo de formação continuada específico para o trabalho no CEJA, reivindicando da gestão táticas operacionais (CERTEAU, 2011) para o enfrentamento das problemáticas decorrentes das suspensão das aulas.

[...]de repente a gente se deparou com uma situação inusitada com essa modalidade, algo novo em nossa escola. Tivemos só uma semana de aula “normal”, veio a pandemia. A escola foi dividida, organizada em blocos e períodos. Os períodos que a gente tinha, na escola eram anuais e os blocos é aquela divisão por semestre.. É um pouquinho complicado... a gente vai aprendendo no dia a dia, a gente aprendeu lá [na escola]! Por quê existem dúvidas todos os dias, tanto nossa, como também da equipe da Diretoria Regional de Educação (DIREC) que nos acompanha, que é algo novo aqui [município de Assú]. Então, todo dia surgem dúvidas, perguntas sobre como é a carga horária. Tudo isso mexeu como o nosso dia a dia, principalmente com esse momento causado por essa pandemia. Tudo chegou de repente e a gente teve que aprender a estrutura e funcionamento do CEJA e de como orientar os professores para as aulas no formato remoto (Coordenadora Pedagógica)

Duas preocupações são latentes no relato da coordenadora pedagógica: a de aprender e apreender a estrutura curricular do CEJA, seguida do aprendizado político-pedagógico para orientar os professores acerca do que e do como fazer com os estudantes da EJA em tempos de pandemia. Reconhece que um grande gargalo nesse processo, são as condições materiais dos estudantes, limitações no uso e ausências de recursos tecnológicos, informáticos, bem como a falta de interação presencial com os professores para melhor orientá-los.

Nesse contexto, a gestão escolar, principalmente a coordenação pedagógica tem buscado alternativas didático-pedagógicas que correspondam a essa realidade. Aprender passou a ser o grande desafio cotidiano, dada a condição muito inacabada de orientar o trabalho docente com esses usos tecnológicos digitais.

[...]participamos de reuniões semanais com o apoio técnico da DIREC, orientando de acordo com as resoluções emitidas pela secretaria de educação, e individualmente participamos de cursos ofertados pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) sobre o uso adequado das plataformas digitais (Coordenadora Pedagógica)

Esses deslocamentos feitos pela equipe gestora apresentam-se como indícios de *conhecimentossignificações* (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019), estabelecidos na rede de saberes-fazer e lutas empreendidas no contexto de pandemia e na organização do currículo do CEJA. Desses deslocamentos, emergem o programa de rádio, como já citado pela professora do Nível I, e os plantões na escola para entrega do *kit* verde e a produção de apostilas. No caso do programa de rádio, o vice-diretor e a coordenadora pedagógica planejam a pauta do programa, após ouvirem nas sessões de planejamento as sugestões dos professores. Em relação as apostilas, são preparadas pelos professores e entregues pela equipe gestora, seguindo os protocolos sanitários.

Na visão da coordenadora pedagógica, a principal problemática ainda são as devolutivas das atividades impressas e a participação nos grupos de *WhatsApp* das salas de aula, afirmação que desnuda e reforça a desigualdade social a que são submetidos os estudantes da EJA.

4. Conclusões provisórias

A pesquisa desenvolvida por dentro da escola pública de EJA reafirmou questões antigas que ainda sorvem o trabalho com essa modalidade e seu público, pondo-nos em alerta e vigilância permanente. O fosso da desigualdade social que assola esse público interdita sua efetiva participação no processo formativo escolar, especialmente no atual contexto da pandemia, como destacamos nos relatos dos educadores. A falta de recursos tecnológicos informáticos e o acesso à *internet* são fatores evidenciados no relato da professora e da coordenadora pedagógica, como consequência desse estado de interdição. Contudo, reconhecemos que, no caos dos acontecimentos, outras ações são criadas para garantir minimamente o direito destas pessoas a escolaridade inicial.

Consideramos que o programa de rádio, a entrega das apostilas com o *kit* verde e a criação dos grupos de *WhatsApp* se constituem maneiras de diálogos emergentes, fazendo-nos imaginar uma EJA inclusiva e equitativa, que atenda a demanda de cidadania destas pessoas. Os diálogos são propositivos a construção de currículos, contribuindo com discussões e as lutas por emancipação e igualdade social que acontecem por dentro e por fora da EJA.

Referências

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 17. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos pensados/praticados pelos praticantes/espensantes dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Vitória, ES: Nupec/Ufes, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n. 63, p. 237-280, out. 2002. Disponível em: <www.boaventuradesousasantos.pt>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de alice**: o social e o político na pós-modernidade. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.